

spfc

inside

Ano 1, nº 4,
Abr-Mai 2015
R\$ 15,00

Under Armour

A NOVA ARMADURA TRICOLOR



CIA ATHLETICA
ESTÁDIO MORUMBI.
PRA QUEM
É FÃ DE TREINO.

PORTAL PUBLICIDADE

Sauna

PILATES

Descontos Especiais
para Shows e Eventos

EQUIPAMENTOS
TOP DE LINHA NO MUNDO

Pista Externa
de Cooper

Camarote
Exclusivo

Estacionamentos
gratuito

E muito
mais.



11 2762-3000 // ciaathletica.com.br

Companhia
Athletica



São-paulino,

Os torcedores de outros clubes que nos perdoem, mas não existe nada mais fácil – e prazeroso - do que fazer uma revista com os grandes destaques e personagens do São Paulo Futebol Clube. Seja no passado ou no presente, sobram boas histórias para contar e compartilhar. A prova está em suas mãos na nova edição da SPFC Inside.

Esta é uma publicação que celebra o melhor da gloriosa tradição Tricolor, e, ao mesmo tempo, traz para mais perto do torcedor o que acontece no clube. Aqui vocês reencontram os nossos ídolos, como Zetti, goleiro bicampeão mundial, merecida presença na seção Hall da Fama. E aqui também estão os novos parceiros que se juntam ao SPFC para construir mais histórias de sucesso. É o caso da Under Armour, recém-chegada fornecedora de material esportivo e, como se pode ver na matéria de capa da revista, uma das mais inovadoras empresas do setor no mundo.

Do atual elenco, trazemos Paulo Henrique Ganso, que fala da adaptação na capital paulista e dos seus desafios com a camisa do São Paulo FC. Do passado, vêm as histórias de Olten Ayres de Abreu, técnico, dirigente esportivo e um dos principais árbitros do futebol brasileiro nos anos 60. Coube a ele a honra de ser o juiz da partida inaugural do Morumbi em 2 de outubro de 1960, entre São Paulo e Sporting, de Portugal (Vitória nossa por 1 x 0, gol de Peixinho. Eu estava lá!)

Eclético desde sempre, o São Paulo também é destaque fora dos gramados. No perfil, mostramos a campeã olímpica de salto em distância e são-paulina de coração, Maurren Maggi. Outros nomes queridos dos torcedores surgem na nossa reportagem sobre iniciativas sociais, uma preocupação de Cafu, com sua Fundação Cafu, e Raí, um dos criadores da fundação Gol de Letra.

Finalmente, vale convidar para a leitura da entrevista com Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura e, vocês verão na matéria, alguém que tem aquela característica que nos distingue: ser apaixonado pelo São Paulo Futebol Clube.

Boa leitura!

Carlos Miguel C. Aidar





NOSSA ARMADURA É A TO



RCIDA TRICOLOR.



UNDER ARMOUR.



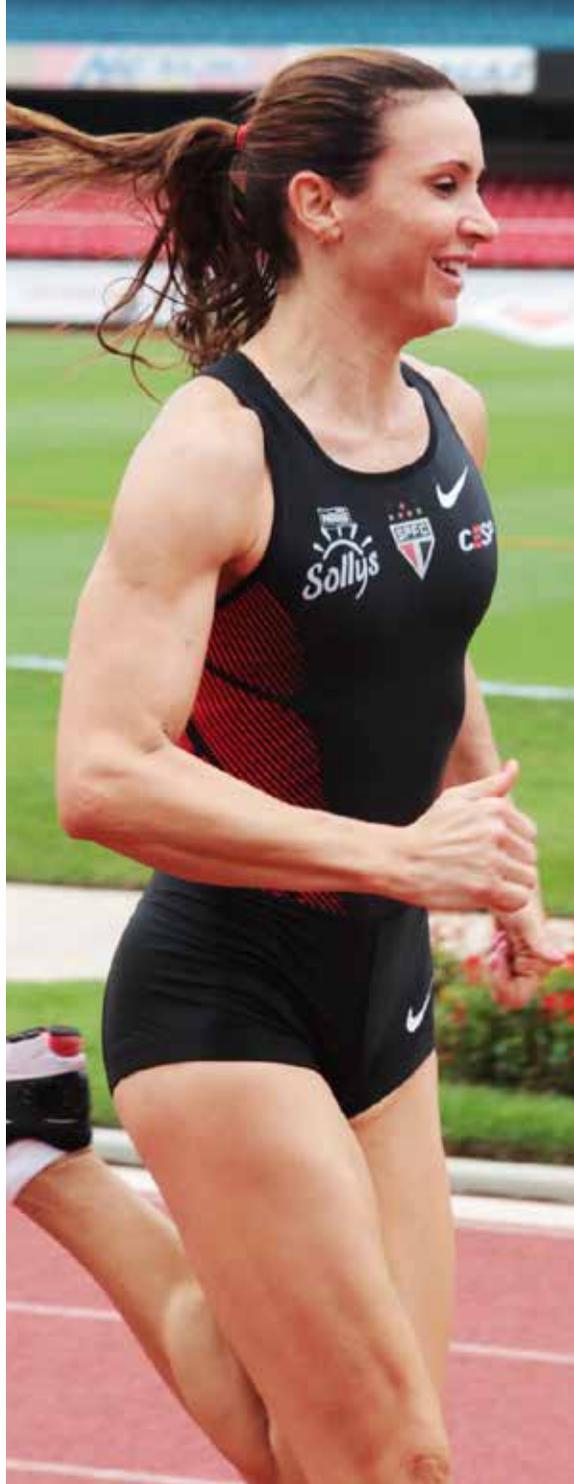
são paulo fc

10

8 lounge

36 campeões

38 feminino



tricolor

18



estilo

24

social 48

turismo 54

o clube 62



Errata: Na edição nº 3 da SPFC Inside, publicamos uma entrevista com Nivea Kalmar, a Bela Torcida 2014. Na apresentação da nossa entrevistada, foi colocado que ela é nascida em Jundiá mas na verdade ela é mineira de Juiz de Fora.



perfil

30



entrevista

42



hall da fama

64

A revista SPFC Inside é uma publicação bimestral desenvolvida pela Áurea Editora Ltda. com autorização do São Paulo Futebol Clube. A SPFC Inside não se responsabiliza por ideias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas que expressam apenas o pensamento dos autores, não representando necessariamente a opinião da direção da editora. A revista se reserva o direito de resumir cartas e artigos, quando for necessário.

EXPEDIENTE SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE | Presidente: Carlos Miguel Aidar. **Vice-presidente:** Júlio Casares **Vice-presidente de Comunicação e Marketing:** Douglas Schwartzmann. **Diretor de Comunicação:** Ricardo Granja. **Assessores de Imprensa:** Juca Pacheco e Felipe Espíndola. **Gerente de Comunicação:** Marcos Roberto Buemerad. **Supervisora:** Cinthia Savino. **Assistentes:** Cinthia Cotait, Erico Leonan, Igor Amorim, Paula Reina e Renata Lutfi. **Historiador:** Michael Serra. **Audiovisual:** Afonso Pastore e Wilson Ribeiro.

EXPEDIENTE ÁUREA EDITORA | Reportagens: Dirceu Pereira Júnior, Fernando Gavini e Paulo Kehdi. **Revisão:** br7 Comunicação. **Editor:** Dirceu Pereira Jr. **Projeto Gráfico, Diagramação e Programação:** Marcos Monte Raso e Bruno Vleira Matos. **Webmaster Site:** Hnet Soluções em Internet. **Contato Comercial:** Dirceu Pereira Jr. (dirceu@aureaeditora.com.br). **Imagem de Capa:** Rubens Chiri. **Áurea Editora Ltda** – Rua Áurea, 315 – Vila Mariana – São Paulo/SP – Tel./Fax: (11) 2614-0599 www.aureaeditora.com.br

Tricolor Heavy Metal

Nova versão do hino do São Paulo FC foi apresentado em noite de vitória e classificação na Libertadores

Por Dirceu Pereira Jr.

Até bem pouco tempo atrás, quem ia ao Morumbi assistir um jogo do Tricolor, já se empolgava ao ouvir os primeiros acordes do clássico Hells Bells do AC/DC pois se acostumou que esse era o aviso que o time entraria em campo. Grande fã de Rock'n Roll, Rogério Ceni foi quem sugeriu a música para que o time e torcida entrassem no clima. O público gostou.

Mas esse ritual vai mudar a partir de agora, graças a outro roqueiro de carteirinha e fanático torcedor são-paulino, Andreas Kisser. No último dia 22 de abril, dia de jogo decisivo para classificação da Libertadores, o time entrou no gramado ao som da nova versão metaleira do hino oficial do São Paulo FC. A iniciativa de gravar essa nova versão criada por Kisser, se concretizou numa parceria que fez com Luiz Fernando, guitarrista do República e um dos donos do Audio Arena, estúdio de gravação que fica localizado no Concept Hall do Morumbi. “Já era um sonho de muito tempo fazer uma versão do hino numa pegada Heavy Metal. Trabalhei nisso durante um tempo e deci-

Palco montado no Morumbi recebeu diversos músicos e todos têm o sangue Tricolor correndo nas veias.

Fotos: Rubens Chiri



dimos fazer uma gravação no estúdio com alguns amigos das antigas, meus filhos, meu pai e outros artistas que puderam comparecer no dia, Edgar Scandurra e o Jair de Oliveira. Além do som mais pesado das guitarras, eu queria uma galera cantando, como se fosse a torcida mesmo”, explica Andreas. O resultado dessa primeira gravação foi mostrado para a diretoria do São Paulo FC, que gostou muito do material que ouviu e decidiu fazer um lançamento digno do Tricolor do Morumbi.

O evento de lançamento contou com um palco montado atrás do gol e show com a presença de vários artistas que fizeram questão de fazer parte desse momento significativo para o clube. Antes de tocar ao vivo a nova versão do hino, Andreas Kisser, Roger, Edgar Scandurra, Nazi, Luiz Fernando e outros, empolgaram a torcida com muito Rock’n Roll da melhor qualidade. Quando os primeiros acordes do hino foram tocados, a arquibancada foi ao delírio. E todo esse clima foi contagiando a todos que, de uma maneira ou de outra, acabou ajudando o Tricolor superar o adversário e conquistar a tão sonhada classificação para a próxima fase da Libertadores. O que certamente vai ficar guardado para quem esteve no Mombi naquele dia, é que essa nova versão é Pé Quente. E que continue assim!



A nova armadura do Tricolor

Nos próximos cinco anos, craques do São Paulo vão vestir uniformes fornecidos pela Under Armour

Por Fernando Gavini

Até surgirem as primeiras notícias a respeito das negociações entre São Paulo e Under Armour, pouca gente conhecia a marca de material esportivo que estava prestes a assinar com o Tricolor. Também pudera. A empresa só iniciou oficialmente suas operações no Brasil em março do ano passado, mas tem objetivos ambiciosos. Quer se tornar, até 2018, uma das marcas líderes do mercado nacional e o contrato de cinco anos com o clube é o principal trunfo para alcançar a meta.

“O São Paulo é o clube de maior sucesso e de mais títulos no futebol brasileiro. É um histórico de performance e a Under Armour é uma marca de performance. Só isso já traz uma sinergia natural. Não faria sentido entrar no futebol se não fosse por um clube com a relevância do São Paulo. A empresa não veio para o Brasil para fazer um teste, veio para ficar, se estabelecer junto com um parceiro muito forte”, afirma Bruno Abilel, diretor de Marketing da Under Armour.





Jogadores aprovaram o novo modelo, novo tecido e o caimento no corpo.

Se transformar em líder no Brasil faz parte da estratégia da Under Armour de assumir a ponta mundial no mercado de material esportivo. Não dá para duvidar da jovem empresa americana que, em apenas 18 anos de vida, já produziu resultados incríveis.

Tudo começou em 1996 com Kevin Plank, que jogava futebol americano na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Um dos atletas que mais transpiravam em campo, ele ficava incomodado com a camisa de algodão que era usada embaixo do uniforme. Ela absorvia todo o suor, ficava pesada e desconfortável. Por suas próprias mãos, Plank teve a sacada que mudou completamente a sua vida.

“Ele comprou os materiais, costurou e construiu o primeiro protótipo do que a gente conhece hoje como camiseta de compressão, um tecido tecnológico, de secagem rápida para usar embaixo da armadura. É daí que vem o nome, Under Armour, embaixo da armadura, embaixo de toda a parafernália de futebol americano”, conta Abilel.

Kevin Plank teve uma ideia para resolver um problema pessoal, mas logo aquilo se transformou num negócio. Primeiro os jogadores da Universidade de Maryland se interessaram e ele construiu para os amigos de time. Depois, atletas de outros esportes também se interessaram e a partir dali estava criado um mercado novo, que não existia antes, que é essa linha de compressão.

Rapidamente os negócios de Plank se expandiram, diversificou os produtos da marca, que hoje tem à disposição do consumidor todo o tipo de vestuário para treinamento e performance. Do faturamento de apenas US\$ 17 mil em 1996, a Under Armour alcançou em 2014 US\$ 3 bilhões, se transformando em uma das mais importantes empresas de material esportivo do mundo. Com a parceria com o São Paulo, a empresa pretende crescer ainda mais, e junto com o clube, conquistar muitos títulos.

“A Under Armour quer prover uma armadura física, que são nossos equipamentos. Mas ao mesmo tempo a gente quer trazer o que a gente chama de armadura emocional para fazer deste espírito guerreiro cada vez mais forte no São Paulo. Falamos internamente que o São Paulo é o time de maior sucesso no Brasil. São três Mundiais, três Libertadores e seis Brasileiros. Nós queremos ajudar a ganhar o sétimo Brasileiro, a quarta Libertadores, o quarto Mundial, o quinto, o sexto, o sétimo... A gente não se conforma, nunca estamos satisfeitos. Sempre queremos mais”, garante Abilel.





Equipe Under Armour Brasil no escritório e show room localizado em Alphaville.

Tecnologia de ponta para vestir os craques do São Paulo

A partir do momento em que começarem a usar os uniformes produzidos pela Under Armour, os jogadores do São Paulo terão contato com o que há de mais moderno em termos de material esportivo. “Os uniformes estão maravilhosos. Os materiais usados são de um nível que, provavelmente, o mercado brasileiro ainda não viu. Os jogadores já viram as camisas, já experimentaram e estão malucos para entrar em campo porque o material é realmente diferenciado”, acredita Bruno Abilel, diretor de Marketing da Under Armour.

O grande diferencial são os materiais utilizados na confecção dos uniformes com tecnologia de secagem rápida, ajuste ao corpo para permitir liberdade de movimentos e ventilação onde o jogador precisa. Para atingir o nível Under Armour de qualidade, a produção será feita no Brasil, mas com matéria prima importada.

“Tivemos muito pouco tempo para desenvolver tudo isso e, para não correr qualquer risco, preferimos importar os materiais”, explica Abilel. “No futuro, vamos desenvolver localmente os tecidos, mas a gente precisa de tempo para isso. Para este momento, temos que estar totalmente seguros de que a entrega dos produtos para jogadores e torcedores vai ser do nível que a Under Armour espera”.



Para quem quiser comprar o novo manto Tricolor, a empresa vai disponibilizar dois níveis de uniforme. Uma é a camisa chamada performance, exatamente igual e com todas as tecnologias da que os jogadores vão vestir nas partidas. A outra é a oficial, voltada para o torcedor e com um preço mais acessível.

Além disso, serão disponibilizados para os consumidores Tricolores toda a coleção de treino e de viagem dos atletas, além de uma série de acessórios como mochila, porta chuteira, bola e uma linha casual, tudo com o símbolo do clube.

“A Under Armour é uma marca premium de alta performance esportiva. Será o início de uma linha casual, mas com muita tecnologia. Por exemplo, uma das nossas jaquetas vai ter a tecnologia storm, que repele água. Vai ser muito bom para aquele dia de chuva na arquibancada. Além de segurar a onda, ela é super estilosa”, elogia Abilel.



A empresa norte americana vai trazer sua linha completa para o Brasil.

Under Armour tem como meta o topo do mercado mundial

Alguns dos principais nomes do esporte dos Estados Unidos são patrocinados pela Under Armour. Entre eles, o nadador supercampeão Michael Phelps, o quarter back Tom Brady, do New England Patriots, o armador Stephen Curry, principal estrela do Golden State Warriors, que terminou a temporada regular com a melhor campanha da NBA, e Lindsay Vonn, a esquiadora americana mais bem-sucedida da história.

Aos poucos, no entanto, a empresa vai lançando seus tentáculos para outros países. O tenista britânico Andy Murray, o canadense Georges St-Pierre, lutador de MMA, e a revelação holandesa, Memphis Depay, do PSV Eindhoven, fazem parte da expansão internacional da marca, que no futebol investe no Tottenham, da Inglaterra, no Colo-Colo, do Chile, nos mexicanos Cruz Azul e Toluca e, agora, no São Paulo.

“Há oito anos, a Under Armour vem tentando se expandir. O início do trabalho foi na Europa, no Canadá e no Japão. Mas de 2012 para cá, com a contratação de alguns executivos, a empresa se estruturou para essa expansão. Em cada país, buscamos parcerias com esportes que são relevantes para cada lugar. No Canadá foi o hóquei, o beisebol no Japão, na Europa e na América Latina, o futebol. Em cada lugar, a gente escolhe o esporte coletivo que toca o coração do nosso consumidor”, explica Aibilel.

Apesar de ser uma empresa jovem, a Under Armour trabalha de forma agressiva em termos de marketing. O objetivo é bastante audacioso. “Já estamos entre os primeiros em faturamento global, mas queremos ser a marca líder no mundo”, afirma. Dos US\$ 3 bilhões de faturamento em 2014, 94% está concentrado nos Estados Unidos. A visão, no entanto, é que até 2020 o faturamento total chegue a US\$ 10 bilhões, dos quais pelo menos 30% venham dos mercados internacionais.

Para isso, a Under Armour aposta na qualidade, na utilização de materiais nobres e em tecnologia. Suas principais concorrentes tem no DNA o calçado, mas a empresa é o contrário. Começou no ramo têxtil, para depois expandir e chegar aos calçados esportivos.

Um dos exemplos do material diferenciado usado nos produtos da Under Armour é o **tênis Gemini**, lançado recentemente no Brasil. O calçado utiliza a mesma precisão de ajuste e conforto dos outros modelos que utilizam a tecnologia SpeedForm, mas foi desenvolvido para corredores de longa distância, que precisam de mais amortecimento, sem adicionar peso e volume, usando o chamado Charged Cushioning, um material de entressola inovador que proporciona uma combinação única de proteção de impacto.

“Nosso foco é quem treina pesado. Futebol americano é o coração da marca nos Estados Unidos, mas atuamos numa diversidade imensa de modalidades: tênis, esportes de neve, futebol, basquete, lacrosse. Estamos praticamente em todos os esportes. A Under Armour veio para desafiar o status quo e o cenário que a gente vê hoje em dia”, sentencia Aibilel.



Restaurante by Koji



O restaurante by Koji, localizado no Morumbi Concept Hall é sinônimo de excelência no atendimento e na tradicional gastronomia japonesa. Com ambiente totalmente seguro e mais de 60 cadeiras cativas em área externa, a casa proporciona uma experiência única em dias de jogos e shows aos que desejam assistir o seu time do coração e sua banda favorita. Durante a semana, além da opção à la carte, a casa oferece o almoço executivo a R\$ 50,00 e se destacam as cartas de sakês e vinhos de primeira qualidade. Aos que desejam fazer suas reuniões e eventos particulares, o by Koji leva toda a qualidade do restaurante até você.

Alta gastronomia japonesa no Estádio do Morumbi



www.bykojirestaurante.com.br

Terça à sexta: 12h às 15h / 19h às 22h / Sábado: 12h às 16h / 19h às 23h
Domingo: 12h às 16h / 19h às 22h. Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1
Portão 4 - Morumbi - tel: 11 3624-7710.

tricolor

O adeus no clube do coração



Entre 2009 e 2012, Maurren foi atleta do São Paulo FC e participou de diversos eventos no Morumbi.

Única brasileira campeã olímpica no atletismo vai encerrar a carreira no fim de 2015 competindo pelo São Paulo

Por Fernando Gavini

O escudo oficial do São Paulo tem cinco estrelas, três vermelhas e duas douradas. Nem todo mundo sabe o que elas significam. As vermelhas são em homenagem aos títulos mundiais conquistados em 1992, 1993 e 2005. As amarelas estão lá por conta dos recordes mundiais no salto triplo obtidos, em 1952 e 1955, por Adhemar Ferreira da Silva, que era atleta do clube, nos Jogos de Helsinque em 1952. Se dependesse do sonho de Maurren Higa Maggi, única brasileira a subir no lugar mais alto do pódio numa Olimpíada, seria preciso abrir mais espaço para estrelas desse tipo no símbolo do Tricolor.

“Meu sonho era ser campeã olímpica competindo pelo São Paulo como fez Adhemar Ferreira da Silva. Em 2012, tive essa oportunidade. Estava defendendo meu título olímpico, mas uma lesão me atrapalhou e não deixou que eu tivesse um resultado melhor”, lamenta Maurren, que voltou ao clube neste ano com a intenção de correr novamente atrás do sonho, mas desistiu pouco antes de completar 39 anos. “Seria a glória competir numa Olimpíada aqui no Brasil. Se eu fosse uns três anos mais nova, conseguiria brigar de igual para igual com as adversárias. Mas tenho outros planos, outros projetos para tocar. Vou até o final do ano competindo pelo São Paulo, mas a Seleção eu já estou abandonando”, afirmou a atleta, que, no entanto, terá a honra de se despedir de sua carreira brilhante no atletismo vestindo as cores de seu clube de coração.



Julio Casares, atual vice presidente do São Paulo FC, estava à frente da vice-presidência de Marketing em 2009, quando articulou uma parceria comercial com a Nestlé para contratar Maurren. “Durante três anos a Maurren foi atleta do São Paulo FC e participou de diversas competições de forma vitoriosa. Além disso desenvolvemos uma série de ações envolvendo a atleta e a Nestlé, trazendo muita visibilidade para ambos”. Recentemente esse vínculo foi reatado, mas desta vez por iniciativa da própria Maurren. Julio contou que pouco tempo atrás, a atleta procurou o São Paulo FC para voltar a vestir a camisa do Tricolor, como são-paulina fanática que é. “A Maurren está defendendo as cores do São Paulo FC sem qualquer apoio financeiro do clube. Ela fez isso por amor ao clube mesmo. Em retribuição, desejamos fazer uma grande despedida para ela no Morumbi, à altura da grande atleta que representou o Brasil e o São Paulo FC de forma exemplar”, finaliza Casares. “Vai ser uma honra. Minha carreira foi brilhante. Dediquei minha vida inteira ao esporte e consegui tudo o que quis. Termino extremamente satisfeita com tudo o que vivi”, garante Maurren, que colecionou conquistas ao longo de mais de duas décadas de carreira. Além da medalha olímpica em Pequim 2008, Maurren ganhou três vezes o ouro nos Jogos Pan-Americanos e foi cinco vezes campeã sul-americana. Apesar do fato da medalha de ouro ter sido conquistada na época em que Maurren não competia pelo São Paulo, certamente o torcedor da atleta gostaria de mais uma estrela junto às de Adhemar Ferreira da Silva. Afinal de contas, quando subiu no lugar mais alto do pódio em Pequim, o que batia ali emocionado era um coração brasileiro, e Tricolor, ao ouvir o hino nacional.

O engraçado é que Maurren virou são-paulina de um jeito inusitado. O pai era corintiano e, pela herança familiar, era natural que seguisse a mesma paixão. A família vivia em São Carlos, interior de São Paulo, onde a atleta nasceu, e ela foi com o pai assistir em Piracicaba uma partida entre o XV local e o Corinthians. Depois de ver no estádio um jogo do clube, ele imaginava que a filha jamais deixaria de torcer pelo Corinthians. Mas não foi o que aconteceu. “Eu tinha uns seis, sete anos. O Biro-Biro ainda jogava no Corinthians, que perdera aquela partida por 1 a 0. Não gostei de alguma coisa e acabei virando são-paulina. Achava o time mais legalzinho e gostava muito do vermelho, essas coisas de criança”, se diverte.

A paixão pelo São Paulo se fortaleceu na adolescência de Maurren. Quando ela tinha seus 16 para 17 anos, viu o Tricolor conquistar o bi da Libertadores e Mundial e se transformou fã de Raí. “Era meu ídolo. O São Paulo era o Raí. Hoje temos uma amizade gostosa e sempre que vou ao Morumbi fico no camarote dele”, revela a saltadora, que tem outros dois grandes ídolos. “O Rogério Ceni, que vai se eternizar no Morumbi, e o Telê Santana, um exemplo de técnico. Foram muitos títulos na época dele”. Todas essas conquistas, ela sempre comemorou muito, tendo como alvo justamente o pai corintiano. “Os melhores jogos foram os que assisti em casa com a galera, lá em casa em São Carlos. Meu pai tinha um estúdio no porão e ficava assistindo o jogo sozinho. Nós ficávamos na sala e a cada gol que saía, descíamos para tirar sarro dele. No fim, ele acabava nos trancando para fora de casa”. Apesar de corintiano, o pai era o informante de Maurren, quando ela começou a viajar para fora do país para competir. “Não tinha muito isso de internet. Ficava sabendo dos resultados quando voltava ou meu pai me contava por telefone. Quando era São Paulo contra o Corinthians, e meu pai desligava rápido, eu tinha certeza que o Tricolor tinha ganhado”, conta. Com tamanha paixão pelo São Paulo, Maurren não vai se desvincular do clube depois do fim da carreira. “Sempre estive muito presente. Sou torcedora e vou continuar indo aos jogos”, garante.

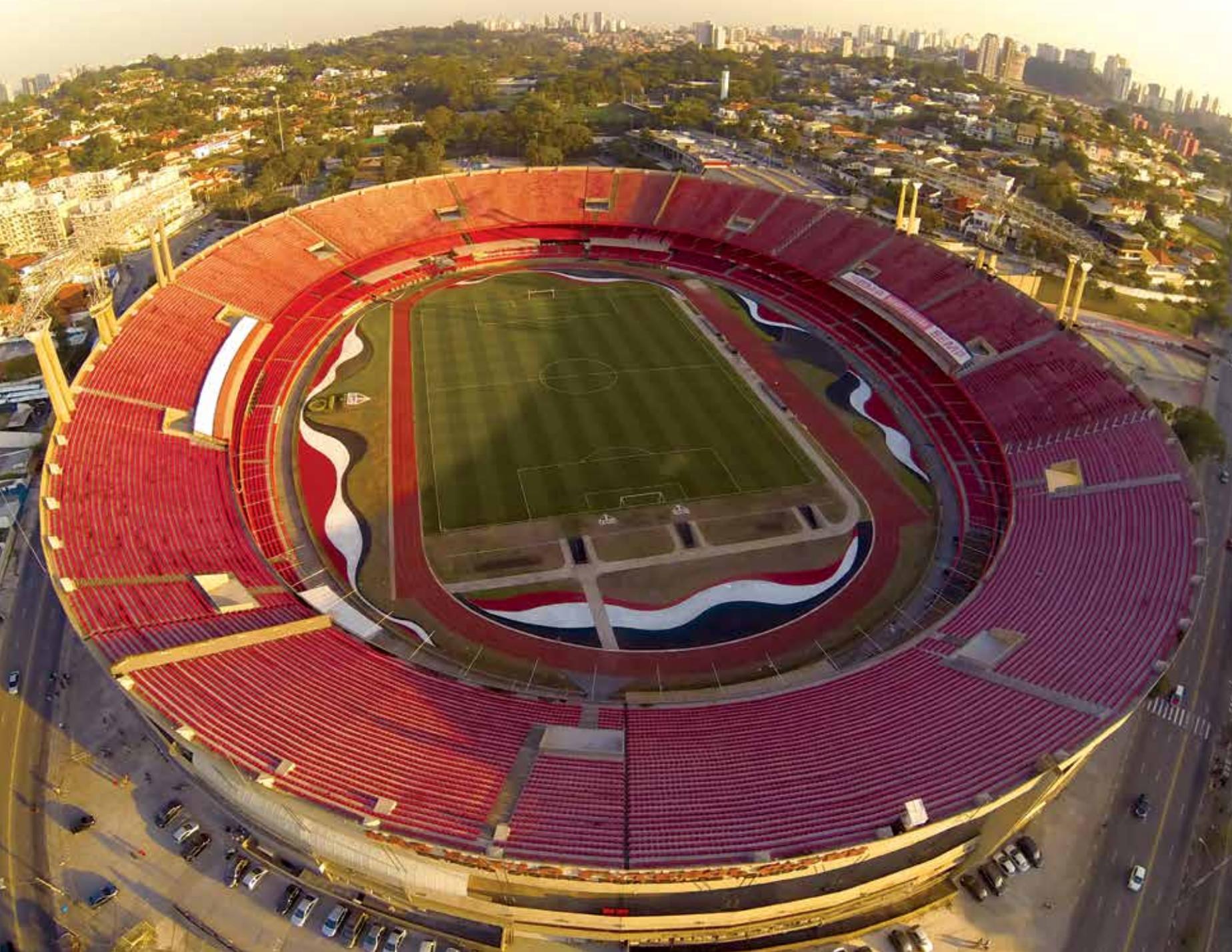




Campeã Olímpica em 2008 em Pequim, Maurren é a única brasileira a ganhar uma medalha de ouro no atletismo em Olimpíadas. Seu grande sonho agora é passar esse legado para futuras gerações.

Sobre os planos para o futuro, ela quer continuar no esporte e ajudar a revelar novos talentos. “Não quero ser a única mulher do atletismo a ganhar uma medalha de ouro para o Brasil. Quero ser a primeira de muitas”. Até os 13 anos, ela praticou todo o tipo de esporte: ginástica, vôlei, basquete e natação, além do atletismo. “Era só me colocar na quadra que eu me virava. Sempre fui apaixonada por esporte, mas o que eu mais queria era ser ginasta. Mas meus professores me levavam para as competições de atletismo porque eu tinha muita facilidade para ganhar medalha. Aí eu acabei mudando de esporte”. Seu grande desejo é dar a oportunidade para crianças e jovens experimentarem as mais diversas modalidades até encontrarem sua verdadeira aptidão, como aconteceu com ela. Uma semente disso já surgiu com a criação do Troféu Maurren Maggi, uma realização da Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria de Esporte, Lazer e Recreação, e organizado pelo Instituto Memorial do Salto Triplo (IMST). Essa iniciativa já teve quatro edições e todas contaram com a presença da atleta. “Tenho vários planos que envolvem a criançada e vou buscar parcerias com a iniciativa privada e poder público para concretizar minhas ideias. Também tenho vontade de elevar o nível do esporte em São Carlos. Quero fazer alguma coisa voltada para o esporte e se for para o atletismo melhor ainda”, conclui Maurren.

O Morumbi **como você nunca viu.**



O Cícero Pompeu de Toledo é o maior estádio particular de futebol do Brasil, considerado patrimônio histórico pelo governo de São Paulo.

Conheça o memorial de conquistas do Tricolor, a sala de imprensa, a área de aquecimento, os vestiários, o túnel de acesso ao campo e o gramado do Morumbi.

Faça já sua reserva: 11 3739-5222

f * atendimento@morumbitour.com.br * www.morumbitour.com.br



MORUMBI
TOUR 

PH Ganso com sua esposa Giovanna, e o pequeno Henrico, durante almoço no restaurante Koji, no Morumbi.

Doa a quem doer

Paulo Henrique Ganso, um cara tranquilo que valoriza os momentos em família, mas também é dono de personalidade forte, não faz média e gosta de falar o que pensa

Por Fernando Gavini

O local da entrevista é um dos preferidos de Paulo Henrique Ganso: o restaurante Koji, especializado em comida japonesa, que fica dentro do Estádio do Morumbi. O camisa 10 chega acompanhado da esposa Giovanna e traz com ele o pequeno Henrico, filho do casal, de apenas sete meses. Este é o tipo de programa que o craque Tricolor gosta de fazer. “Procuro sair para ir ao cinema ou em um restaurante com minha esposa, gosto de estar com meus filhos brincando, de ficar na piscina com eles. São coisas mais caseiras mesmo”, conta o jogador, que também é pai de Maria Victória, de dois anos.

Por trás de tanta tranquilidade, está um homem de personalidade e opiniões fortes. Paulo Henrique Ganso não faz o perfil do jogador de futebol comum, que não gosta de entrar em polêmica, que não sai do politicamente correto. Ele também é craque com as palavras, fala o que pensa, doa a quem doer. “Eu acho que tem que se posicionar, mas isso vai da personalidade de cada jogador. Eu gosto. Tem gente que critica, mas é o que eu penso e acabo falando mesmo. Não falo o que as pessoas querem ouvir”, garante.







A culinária japonesa é uma das preferidas do Maestro.

Uma personalidade formada a partir da infância. Nascido em Ananindeua, cidade de 500 mil habitantes, que fica na região metropolitana de Belém, no Pará, Ganso desde pequeno já corria atrás da bola. “Sempre gostei, por isso meu pai e meu padrinho me levavam para brincar de futsal nos fins de semana. Como eu levava jeito, fui gostando e levando mais a sério. Era habilidoso, canhotinho e comecei a treinar diariamente. Comecei jogando no Tuna Luso e depois fui para o Paysandu jogar campo”, relembra.

Quando Ganso tinha 15 anos, um professor de educação física que trabalhava na escolinha em Belém de Giovanni, ex-jogador de Santos, Barcelona e Olympiacos, conversou com o patrão para arrumar um teste para o garoto. E lá foi o menino tentar a sorte no Peixe. Depois de alguns treinos, foi aprovado, superando a distância da família e o assombro com a cidade grande. “No primeiro momento, quando cheguei no aeroporto e olhei que estava em São Paulo, fiquei assustado. Agora, 10 anos depois, não tem mais surpresa, mas a chegada foi um pouco tensa. Tudo era completamente diferente da minha cidade”, conta.

A maior superação, no entanto, veio depois das graves lesões que sofreu. Logo depois de fazer sua primeira partida com a camisa da Seleção Brasileira em 2010, Ganso rompeu o ligamento cruzado anterior do joelho esquerdo, mesma contusão que ele havia tido na perna direita três anos antes. Depois disso, o camisa 10 viveu uma fase de dúvidas, sofreu uma série de outras lesões, teve que passar por uma artroscopia no joelho esquerdo em 2012, problemas que só se resolveram depois que o meia chegou ao São Paulo e foi tratado cuidadosamente no Reffis. “Quando você passa por uma lesão séria, a cabeça às vezes atrapalha. Fica com medo de não voltar a ser mais o mesmo. Você tenta fazer as coisas, tenta dar uma arrancada, tenta um movimento de agilidade, mas não consegue fazer como antes. Mas hoje estou muito bem, tanto fisicamente, quanto mentalmente. Graças a Deus, tudo o que eu quero fazer dentro de campo eu consigo. Isso é o que é mais importante”, afirma.

Mas estar 100% fisicamente não significa vida mansa para o jogador. Extremamente habilidoso e dono de uma técnica refinada, Ganso muitas vezes paga pelo talento que tem. Ninguém duvida que se trata de um jogador acima da média. Por causa disso, é muito cobrado por seu desempenho. Até os amigos de infância de Ananindeua estão entre aqueles que pegam no pé de Ganso quando acham que ele não está rendendo aquilo que se espera. “Todos eles queriam ser jogadores como eu. Ficam felizes por eu ter realizado o sonho que era nosso, mas eles me cobram bastante. ‘Você não está fazendo gol’, ‘você não está chutando no gol’... Amigo é isso. Tem que criticar, tem que ajudar. São meus parceiros mesmo por falarem a verdade e serem realistas comigo”, se diverte.

Mas os amigos não são os únicos que Ganso ouve para melhorar seu rendimento. Pelas redes sociais, muitos torcedores entram em contato com ele falando a respeito do que pensam sobre o futebol do camisa 10. “Acabo lendo e depois trabalho para melhorar. Estou sempre atento ao que o pessoal escreve, às críticas construtivas para poder melhorar”.

Ganso sonha com título mundial com a camisa do São Paulo

Paulo Henrique Ganso foi campeão da Libertadores em 2011 pelo Santos. Naquele ano, teve a oportunidade de disputar o Mundial, mas os 4 a 0 sofridos diante do Barcelona na final o deixaram extremamente frustrado. O camisa 10 sonha em voltar a disputar a competição e, para isso, é preciso ganhar Libertadores pelo Tricolor.

Em 2011, Ganso não pôde participar de todas as partidas disputadas pelo Santos na Libertadores. Depois da grave lesão sofrida no joelho esquerdo no segundo semestre do ano anterior, o meia demorou a voltar aos gramados. Perdeu os três primeiros jogos do Peixe na competição e também algumas partidas importantes do mata-mata. “Joguei todo o segundo turno da fase de grupos, fiz o gol da classificação nas oitavas de final contra o América do México, mas me machuquei e fiquei de fora das quartas e da semi. Só voltei na final”, conta.

Em 2015, Ganso participou de todos compromissos do São Paulo no chamado grupo da morte da Libertadores e ajudou o time a se classificar com quatro vitórias e duas derrotas. Agora, no mata-mata começa um novo campeonato e o jogador é ambicioso ao falar de seus objetivos.

“A Libertadores é o principal campeonato para os times brasileiros. Deixar marca registrada com o título é um momento único. É o que eu quero fazer pelo São Paulo. Deixar meu nome gravado com o título da Libertadores. Já cheguei perto do Mundial. É um sonho que tenho. Quero conquistar de novo para depois buscar esse Mundial”, afirma.



Ao chegar no Morumbi no final de 2012, PH Ganso apostou em sua completa recuperação física e regaste da condição de meia diferenciado no futebol brasileiro.

O PRIMEIRO
E ÚNICO
ESTÚDIO
DE GRAVAÇÃO
PROFISSIONAL
DENTRO DE
UM ESTÁDIO
DE FUTEBOL
NO MUNDO.

Estúdio
Camarote Corporativo
Espaço para Eventos



audioarena.com.br - 55 11 2894 5900



Trajetoária de respeito

Olten Ayres de Abreu tem uma história de vida única, riquíssima. E a sua liga o com o São Paulo tem papel protagonista dentro desse contexto

Por Paulo Kehdi

A sala em sua residência é repleta de homenagens. São quadros, medalhas, fotos, diplomas, provas físicas de uma trajetória de vida fantástica. Também, pudera, atleta, professor de educa o física, advogado, escritor, poeta, compositor, vendedor, jornalista, técnico de futebol e árbitro renomado, Olten Ayres de Abreu, 86 anos, tem histórias que dariam um livro. Aliás, deram, um chamado "A Saga de Um Vencedor", conta várias facetas de sua vida.

O outro, intitulado "Eu e Meus Versos", mostra o lado literário desse potiguar, nascido em Mossoró (RN), no dia 27 de setembro de 1928. Sua infância itinerante por várias cidades do país era fruto do constante deslocamento do pai José Rosalvo, que exercia a fun o de fiscal federal da Receita Nacional. Depois de viver em quatro estados distintos (RN, MG, RS e MS), Rosalvo finalmente se estabeleceu, sempre acompanhado da família, no estado de São Paulo. Porém, para a capital, viria com a esposa Josepha e com os cinco filhos (eram seis, mas o menor, Yedo, morreu em Minas quando tinha apenas 1 ano de vida), só em 1941. Olten, então com 13 anos, começava a construir uma carreira profissional magnífica e uma liga o fortíssima com o Tricolor Paulista.

Fotos: Arquivo Pessoal



Fotos: Divulga o e arquivo pessoal



Olten tem muitas histórias para contar e dentre essas histórias, o período que foi árbitro de futebol tem um destaque significativo. Na foto ao lado ele está com a seleção brasileira de masters em um jogo comemorativo no Morumbi.

“Eu nasci são-paulino, mas a contratação do Leônidas da Silva (jogador que defendeu o São Paulo entre 1942 e 1950) me fez tornar sócio do clube. Leônidas foi o maior centroavante que vi jogar. Era um moleque de calças curtas, mas já pagava mensalidade no clube. Sou sócio do São Paulo há 73 anos!”, diz Olten, com emoção.

Não só se tornou sócio, como defendeu as cores do São Paulo no atletismo, sendo campeão paulista por oito anos seguidos em provas de 100 a 400 metros rasos e com barreiras. “Também joguei pela seleção do clube, era centroavante, e dos bons”, fala orgulhoso, apontando para uma centena de medalhas. Após formar-se em educação física pela USP em 1952, passou a exercer duas funções: a de corretor de imóveis e de vendedor de livros. “Nessa vida já fiz de tudo, só não fui bengala de cego”, brinca. Porém, seu destaque maior seria como árbitro de futebol e Olten conta que tudo começou por conta de um grande acaso. “Eu era professor de educação física, com pós-graduação em técnico de futebol. Naquela época tinha muito forte na cabeça a vontade de prestar concurso e, caso houvesse um empate, o candidato escolhido seria o que teria mais diplomas, mais qualificações. Foi quando vi, em 1958, que tinham aberto inscrições para curso de árbitro na Federação Paulista de Futebol (FPF). Resolvi fazer com o intuito de melhorar meu currículo, não para exercer a profissão.”

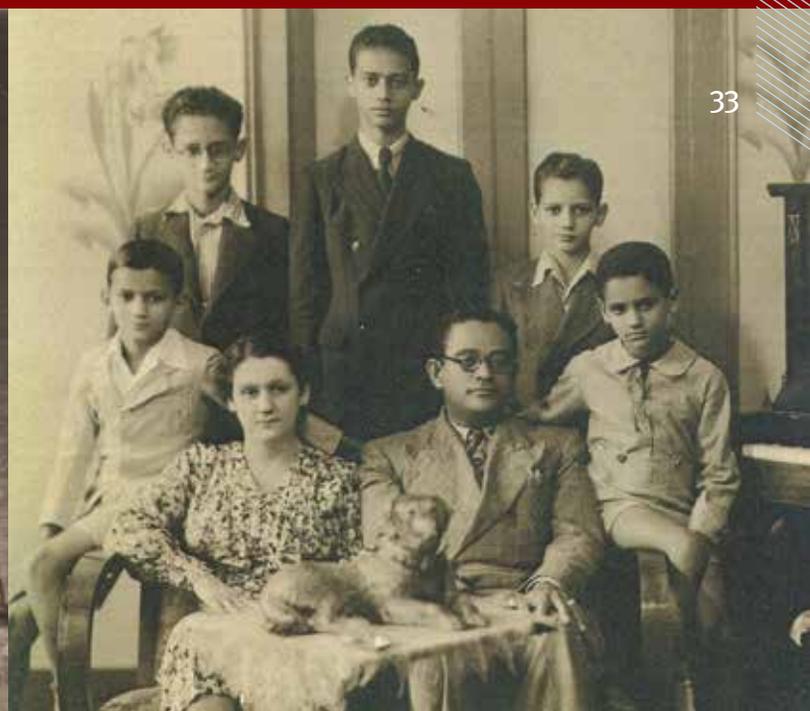


Momentos marcantes na trajetória de Olten. 1) Torneio Sulamericano em Lima (Peru) entre Chile e Paraguai. 2) Jogo entre São Paulo e Corinthians, em que os capitães eram Bellini e Dino Sani. 3) Partida entre Santos e Fluminense no Maracanã com a presença em campo do, ainda menino, Coutinho. 4) Com sua família em 1938. Olten está sentado ao lado da mãe. 5) No CT Rei Pelé sempre muito bem recebido por ilustres anfitriões.



Tampinha

Mas o destino o levou a ser um dos árbitros mais respeitados do país. O início de sua carreira, contado pelo próprio Olten, é hilário. “Fui chamado para bandeirar um jogo da Portuguesa no Canindé, pelo campeonato paulista infantil, num domingo, às 8 da manhã. Peguei o bonde e fui. Chegando lá, vi que o juiz tinha 1,60 metro de altura (Olten tem 1,85), um frio desgraçado e eu lá, bandeirando um jogo realizado em meio campo, auxiliando um ‘tampinha’ (risos). Pensei comigo mesmo quando a partida acabou: ‘nunca mais ponho meus pés em um campo para apitar’. Mas, naquela época, juiz com diploma superior, quase não tinha. E os caras da FPF queriam renovar o quadro de árbitros e enxergaram em mim uma oportunidade para iniciar esse processo. Insistiram e acabei apitando outros jogos”.



A primeira vez que chamou a atenção foi quando atuou num jogo pelo campeonato amador, ainda em 1958, em Itatiba (interior de São Paulo). “Eram dois times rivais, da mesma cidade. Cheguei lá e um torcedor, vendo que eu era o juiz, falou: ‘você vai apanhar, pode se preparar’. Pensei, que belo incentivo encontrei (risos). O estádio lotado, a cerca tinha um metro de altura e tinha um guarda no campo! Falei para mim mesmo, hoje é meu dia (mais risos). Mas nunca fugi de nada, sempre enfrentei as situações que se apresentaram na minha vida. Chamei os 22 jogadores e fiz um discurso duro para eles. Vocês são bravos, pois eu sou mais, disse. O que aconteceu foi que um dos times goleou por 6 a 0, mas não teve uma confusão em campo. Isso foi chamando a atenção de todos e as portas começaram a se abrir para mim”.

Mais Olten Ayres de Abreu

Frase – “Na minha vida, tenho três coisas: Deus, minha família e o São Paulo”

Casamentos – Olten foi casado por 42 anos com Denia, com quem teve seus dois filhos, Olten Junior (também conselheiro do SPFC) e Denise. Atualmente é casado com Cristina, em uma união que já dura 20 anos. Tem cinco netos e um enteado

Irmãos – Ayrton, Edman, Ielton, Ulvio e Yedo. Junto com Olten, compunham as seis vogais da Língua Portuguesa (o “Y” era considerada vogal na época do nascimento de Yedo)

Homenagens – Olten tem inúmeras homenagens, comendas, títulos e condecorações. Entre elas, destaca-se o título de cidadão paulistano e o batismo do vestiário dos árbitros no Morumbi, que leva seu nome

Compositor – Olten compôs duas músicas, “Sou da Terra do Pelé”, gravada por Angela Maria e “Tatuzão”, gravada por Carlos Gonzaga

Sobre apitar jogos do São Paulo – “Sou são-paulino, vou morrer são-paulino, todo mundo sabe disso. Mas com a roupa da federação, era árbitro, não tinha time”





1) Olten com o então presidente do SPFC, Marcelo Portugal Gouvêa, já falecido. 2) No casamento de seu filho, Olten recebeu o M1TO e sua esposa. 3) Com Carlos Miguel, atual presidente, e seu pai Henri Aidar, presidente de 1971 a 1978. 4) Ao lado dos filhos Olten Jr e Denise Maria. 5) Em visita ao CT do Milan foi recebido por Ricardo Oliveira e Kaká. 6) Ao lado do bicampeão do salto triplo, Adhemar Ferreira da Silva.



5

E como se abriram! Olten apitou em 1959 sua primeira partida da divisão principal do futebol paulista, jogo entre América e Ferroviária, em São José do Rio Preto. A Ferroviária ganhou por 1 a 0, em uma época que o time da casa venciam a grande maioria dos jogos. Passou a apitar partidas importantes, até que foi chamado para ser o árbitro da partida inaugural do Morumbi, em 2 de outubro de 1960, entre o São Paulo e o Sporting de Portugal. “Foi a maior emoção da minha vida, disse depois do jogo para os repórteres que se minha carreira acabasse ali, já estaria realizado”.

Mas não acabou, longe disso. Tirando um pequeno hiato entre 1962 e 1963, quando foi técnico do Santa Fé da Colômbia (onde foi vice-campeão nacional) e o Toluca, do México, ele só foi parar de apitar em 1970. Entre as principais partidas que atuou, destaca o chamado “jogo do século”, entre Santos e Internacional de Milão, no Yankee Stadium, em Nova York (EUA), em 1968. “Só tinha italiano no estádio, ter sido escolhido para apitar essa partida foi uma grande honra para mim”. Um dos árbitros paulistas que mais apitaram no Maracanã, atuou também em Minas Gerais e Pernambuco. Foi escolhido seis vezes o melhor árbitro paulista e uma vez o melhor árbitro pernambucano, além de ter sido escolhido o melhor juiz do sul-americano de 1962 (Olten tornou-se árbitro da FIFA em 1960).



6

Depois que parou de apitar, construiu importante carreira como advogado, especializado em Direito Penal. Exerceu o direito por mais de 50 anos, seguindo uma espécie de saga familiar, já que seu pai, seus irmãos e seus filhos, Olten Junior e Denise, também são advogados. Hoje trabalha como pequeno investidor no mercado imobiliário. É conselheiro remido do São Paulo há mais de 30 anos, trabalha atualmente como assessor da presidência e diz ter vivido quase que toda a história do clube. “Trabalhei com vários presidentes, destaco o Henry Aidar (pai do atual presidente Carlos Miguel), pela amizade que acabamos construindo. Mas não posso só citá-lo, muitos outros também foram importantes, fizeram o São Paulo ter a grandeza que tem hoje”, diz com orgulho e emoção essa verdadeira lenda viva Tricolor.

campeões mundiais



Dino Sani

Campeão Mundial pela Seleção e pelo Tricolor, o volante, que começou no futebol como meia, foi homenageado no Morumbi, por Carlos Miguel C. Aidar, em um almoço especial

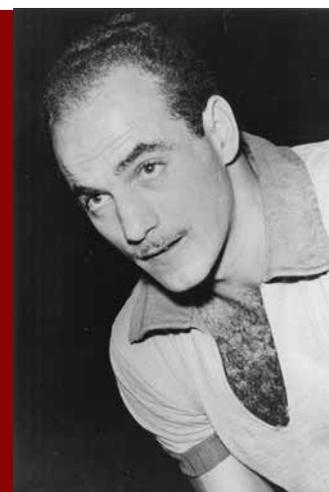
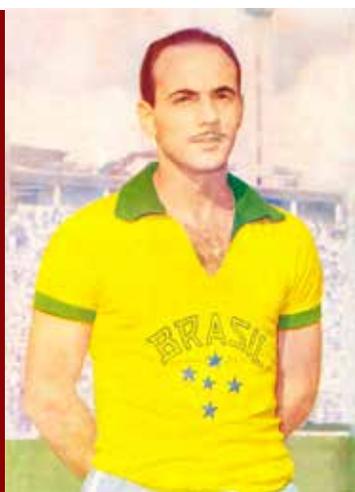
Por Renata Lutfi



O São Paulo iniciou uma série de homenagens aos ex-ataletas Tricolores que foram campeões mundiais pela Seleção Brasileira. O primeiro grande craque celebrado foi o volante Dino Sani, que participou da conquista histórica de 1958, na Suécia.

Em um almoço com o presidente Carlos Miguel C. Aidar, também marcaram presença no almoço José Augusto Bastos Neto, presidente do Conselho Consultivo do clube, e os ex-presidentes Tricolores José Douglas Dallora, Fernando Pinto Casal de Rey e Paulo Amaral, Dino Sani recebeu uma placa e uma camisa, em agradecimento e reconhecimento aos serviços prestados.





- Jogos disputados pelo SPFC: 324 (171 vitórias, 80 empates, 73 derrotas)
- Estreia: 21/02/1954 (Botafogo 4 x 2 São Paulo)
- Último jogo: 27/03/1961 (Vasco da Gama 2 x 0 São Paulo)
- Gols marcados no SPFC: 113
- Nascimento: 23/05/1932, São Paulo (SP).
- Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 1957.

“É uma honra receber grandes jogadores do São Paulo, como Dino Sani, e uma obrigação do clube homenagear essas lendas em vida. Dino participou de 324 partidas pelo Tricolor, marcando 113 gols, faz parte da história vitoriosa deste clube. Farei esse almoço uma vez por mês, sempre homenageando um campeão mundial são-paulino”, contou Aidar.

Dino Sani começou sua carreira no futebol como meia, militando no setor de articulação. Entretanto, sob o comando de Béla Guttmann, técnico húngaro de origem judaica, encontrou sua posição ideal: a de médio-volante. Exímio cobrador de faltas, o jogador foi um dos destaques da década de 1950, sendo campeão paulista pelo Tricolor. Foi campeão mundial pela seleção em 1958, transferindo-se depois para o Boca Juniors da Argentina. Nos primeiros anos da década de 1960 foi uma das estrelas do Milan da Itália.



Esporte com cidadania

O São Paulo Futebol Clube volta a disputar campeonatos de futebol feminino, com equipes profissionais e de base, aliando a iniciativa com projetos sociais

Por Paulo Kehdi

Muitos talvez não saibam, mas o São Paulo Futebol Clube já teve um futebol feminino forte, atuante, especialmente nos anos 1990. Pois agora, em uma iniciativa que conta com os esforços da Diretoria de Esportes Amadores e da Diretoria Feminina, endossada pelo presidente, Carlos Miguel C. Aidar, o Tricolor traz a modalidade de volta aos campeonatos oficiais do país. Um projeto que busca não somente a formação de equipes fortes, como também traz um grande caráter social. “Estamos montando uma equipe profissional e também outras duas, das categorias de base, a sub 17 e a sub 15, que irão defender o São Paulo em diversos campeonatos. Mas essa é apenas uma parte do projeto. Na equipe profissional, todas as atletas são registradas, sendo que o vínculo é com o patrocinador master. Já nas categorias de base, além de oferecermos toda a estrutura para o desenvolvimento delas, físico, técnico e psicológico, queremos também ajudar na formação dessas meninas, na busca por bolsas de estudo. Muitas delas são do interior, de outros estados, não têm dinheiro nem para o transporte”, explica Marcelo Pepe, diretor Comercial do Tricolor, um dos idealizadores da iniciativa.

O diretor de Esportes Amadores, Fernando Bracalle, fala sobre outros aspectos. “Quando pensamos em trazer de volta o futebol feminino para o clube, no fim de 2014, nos reunimos com Mara Casares, da Diretoria Feminina, e surgiu a ideia de que sempre que o time entrar em campo, além de mostrarmos o patrocinador oficial, queremos também utilizar o espaço para divulgar campanhas sociais ou mesmo instituições filantrópicas que atuem na área. Ou seja, estamos dando muita ênfase para o caráter social do projeto. Outra coisa que eu quero deixar clara para o associado e para o torcedor do São Paulo é que nem um centavo do clube está sendo direcionado para essa iniciativa. Temos várias parcerias, sendo que uma delas, com a CAPES (Centro de Apoio Profissionalizante Educacional e Social), é a principal. A CAPES é uma Oscip (Organização da Sociedade Civil para o Interesse Público) e é dessa parceria que saem os recursos para contratação das atletas e demais despesas que porventura a gente tenha com o time”.



História do futebol feminino no São Paulo

Apesar de ter tido equipes nos anos 1980, foi em 1997 que o São Paulo montou seu primeiro grande time, com destaque para Sissi e Kátia Cilene, as principais jogadoras do time daquela época. O São Paulo venceu todos os quatro campeonatos que disputou nesse ano: Torneio de Campo Grande, Campeonato Paulista, Torneio da Primavera e o Campeonato Brasileiro – esse, por sinal, conquistado com 100% de aproveitamento. Dois anos depois, em 1999, o Tricolor voltou a ser campeão. Primeiramente da Copa Eduardo José Farah, realizada em Cubatão (SP). Depois, venceu também o Paulistana, novamente com 100% de aproveitamento. Na verdade, o São Paulo terminou o ano de 1999 invicto! Apesar do bom desempenho do time nessa época, em março de 2000 a equipe foi desfeita devido alguns problemas estruturais do futebol feminino brasileiro. Após 15 anos, o time paulista volta com força total para os campos e em uma nova fase.

Principais títulos:

Campeonato Brasileiro: 1997

Campeonato Paulista: 1997 e 1999

Elenco forte

O time principal está treinando todos os dias, em dois períodos, na cidade de Barueri (SP). O Centro de Treinamento Sport Ville é o local que está sendo utilizado, e conta com infraestrutura de primeira, com refeitório, campos, academia, piscinas, apartamentos. As atletas ficam lá em tempo integral. “Além de termos condições ideais para a pré-temporada, contratamos atletas de ponta, como a Ester Aparecida dos Santos, que tem passagens pela seleção brasileira, vice-campeã mundial em 2007 e prata em Pequim (2008). Temos comendo o elenco também a paraguaia Dulce Quintana e a argentina Soul James, destaques nas seleções de seus países. Quatro jogadoras brasileiras que defenderam a Guiné Equatorial no Mundial de 2011 também estão conosco. E outros contatos estão sendo feitos, no total teremos 30 atletas. Com certeza vamos entrar forte nas competições, não poderia ser diferente tratando-se do São Paulo, mas sempre respeitando nossas adversárias”, diz Marcelo Frigério, técnico do time, que atua no futebol feminino desde 1990, campeão mundial universitário pelo Brasil em 2001, além de ter sido campeão paulista com o Palmeiras nesse mesmo ano, entre inúmeros outros títulos.

Campeonato Paulista

O Campeonato Paulista de Futebol Feminino começou no dia 19 de abril, e está sendo disputado por 14 times, divididos em dois grupos com sete equipes cada. No grupo do São Paulo estão Associação Desportiva Centro Olímpico, Associação Portuguesa de Desportos, Esporte Clube Taubaté, Santos Futebol Clube, São Bernardo Futebol Clube e São José Esporte Clube. Nossas meninas estrearam dia 19, contra o São Bernardo, em São Bernardo do Campo, vencendo por 4 a 0. O campeonato tem partidas televisionadas ao vivo pela Fox e também pela Bandsports. Para mais informações, acesse <http://www.fpf.org.br/Competições>. No segundo semestre, o São Paulo atuará no Campeonato Brasileiro, na Copa Mulher e em torneios regionais e abertos.

Já as categorias sub 15 e sub 17 estão treinando no Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães, no Ibirapuera, mais especificamente no estádio Ícaro de Castro Melo. “Estamos utilizando toda a estrutura local para treinar as meninas, com uma equipe multidisciplinar completa, proveniente de um convênio com o Governo do Estado. Além de estarmos dando uma oportunidade para se desenvolverem como atletas, queremos ajudá-las como cidadãs, auxiliando na parte educacional e psicológica. Para se ter uma ideia da grandeza do projeto, quando fizemos a peneira para as categorias de base, no início de março, nada menos do que 1,5 mil atletas compareceram. Infelizmente só pudemos ficar com 30, mas a iniciativa está se mostrando mais do que acertada”, finaliza Frigério.





Roberto Rodrigues

Um daqueles são-paulinos de carteirinha, e mesmo com uma agenda muito comprometida com inúmeros compromissos profissionais, sempre encontra um tempinho para acompanhar os jogos do Tricolor e estar informado de tudo que acontece com o São Paulo FC

Por Dirceu Pereira Jr.

Nascido em Cordeirópolis (SP), pai de quatro filhos e sete netos, Roberto tem uma carreira muito respeitada na área da agricultura e também na área acadêmica. É engenheiro agrônomo, formado pela ESALQ USP, e Doutor Honoris Causa pela UNESP. Foi Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento entre 2003 e 2006, período que promoveu a completa reestruturação da Instituição e trabalhou pelas leis de biotecnologia, dos produtos orgânicos, seguro rural, novos documentos de comercialização, regulamentou a defesa sanitária, ampliou o comércio agrícola brasileiro e implementou as bases de uma agricultura moderna. Nesta entrevista que concedeu à SPFC Inside, Roberto nos conta um pouco mais sobre sua paixão pelo São Paulo e porque resolveu batizar uma de suas fazendas como Morumbi.

SPFC Inside - De onde vem a sua origem são-paulina? Tem familiares que também torcem pelo Tricolor?

Roberto Rodrigues - Sou são-paulino desde muito jovem. Meu pai e alguns parentes próximos eram Tricolores e viviam contando histórias de Friederach e outros craques do passado. Como vivia na área rural na infância, não havia televisão e nem mesmo rádio confiável, sempre com muita estática, o que praticamente impedia ouvir jogos. Só mais tarde, quando fui morar na cidade para cursar o ginásio é que tomei conhecimento do futebol, passei a praticá-lo e a me interessar pelos campeonatos. Muitos dos amigos que fui formando eram torcedores do SPFC, de modo que isso foi se consolidando até que entrei na Faculdade de Agronomia da USP, a Luiz de Queiroz, em Piracicaba. Lá encontrei torcedores apaixonados de verdade. Com mais três amigos íamos frequentemente a São Paulo para ver os jogos do Tricolor e também do Santos. Era o comecinho da década de 1960 e Pelé estava no auge. Marcávamos encontro no nono degrau da arquibancada do Pacaembu e torcíamos pelo nosso time com grande paixão. E nunca mais me separei do Tricolor.

SPFC Inside - Como você costuma acompanhar os jogos do SPFC?

Roberto Rodrigues -Hoje acompanho os jogos pela TV. Tenho ido pouco ao Morumbi e menos ainda a outros estádios. Muito raramente, duas ou três vezes por ano, vou com amigos ao estádio. E gosto de levar meus netos, quase todos são-paulinos. Tenho sete netos e só uma netinha torce para o Corinthians por causa do pai e dos tios corinthianos. Mas meus quatro filhos também são Tricolores. Quando meus filhos eram pequenos e morávamos na fazenda, ainda sem TV, costumava ouvir os jogos no rádio do carro, sozinho. E quando vencíamos, entrava em casa fazendo barulho e convidava a



criançada para ir à cidade tomar sorvete. Se por acaso perdíamos, não dizia nada. Com isso, os meninos achavam que só ganhávamos e ainda iam passear na cidade. Ficaram Tricolores fanáticos.

SPFC Inside - Qual seria um jogo memorável?

Roberto Rodrigues - Foram muitos jogos memoráveis. Mas houve um em especial que marcou demais. Foi no Pacaembu, no primeiro jogo do Pagão contra o Santos, sua ex-equipe, que o considerava acabado e vendeu o atleta ao São Paulo. Jogamos como uma sinfônica e o Peixe, com Pelé, com Pepe, Zito e todo o time tiveram que sair de campo antes que o jogo terminasse, de medo de uma goleada histórica: foram caindo no campo, fingindo contusões, até ficarem com sete jogadores e o juiz Armando Marques teve que encerrar a partida.

SPFC Inside -Algun jogo inesquecível?

Roberto Rodrigues - Também são muitos, muitos. Mas me lembro de uma grande tristeza em 1967, quando jogamos a última rodada do campeonato contra o Corinthians no Pacaembu. Fizemos 1 x 0 com um golaço de Lourival, de antes da meia lua. E no minuto final Bene empatou. Tivemos que jogar a final contra o Santos e perdemos o campeonato. Um amigo Tricolor que estava comigo ajoelhou-se após o golzinho do Bene e rogou uma praga: o Corinthians vai ficar 10 anos sem ganhar um campeonato. E a praga pegou.





SPFC Inside - Agora conte-nos uma curiosidade, uma lembrança especial ou um fato inusitado envolvendo o São Paulo.

Roberto Rodrigues - Comprei um sítio que fazia parte de um conjunto de 11 parcelas de uma antiga fazenda: o dono morreu deixando as terras para 11 herdeiros, e cada um ficou com um pedacinho. Comprei este primeiro pedaço em 1973 e, quando fui passar a escritura, disse ao cartorário que o local se chamaria Fazenda Morumbi. O rapaz riu e me provocou dizendo que era muita pretensão botar o nome de fazenda a um pedacinho de terra. Respondi que ainda compraria os outros lotes, e por isso o nome. E emendei: vai ser a terra campeã de produtividade da região. Demorei mais 21 anos para comprar tudo, mas a fazenda hoje é um modelo de tecnologia e sustentabilidade. Todas as construções são brancas, as portas e janelas são vermelhas e todas tem um barrado preto. As porteiros são tricolores, a caixa d'água também. Tem um rancho na Beira do Rio Mogi Guaçu pintado com as três cores e uma canoa registrada como Mirandinha. E tem sempre um galo carijó que manda no terreiro, chamado Chicão. Certa vez, uns 30 anos atrás, houve uma final de campeonato entre o São Paulo e o Palmeiras. E o Globo Esporte, informado de que na fazenda os caminhões eram tricolores, as carretas idem, veio fazer uma reportagem na fazenda. Foi muito divertido porque até os funcionários que torciam para outros times entraram na brincadeira declarando-se são-paulinos. No fim da matéria, o repórter perguntou se não havia a menor contemplação com o Palmeiras, e respondi: "Como não? Veja minha homenagem a ele no verde dos canaviais. Mas na hora certa meto fogo, corto e faço garapa". Meus amigos palmeirenses ficaram muito sentidos...

SPFC Inside - Qual é o seu maior ídolo do Tricolor em todos os tempos e qual é seu atual preferido?

Roberto Rodrigues - De novo, muito difícil apontar um craque maior, mas se tivesse que indicar um, ficaria com Mauro Ramos de Oliveira, a classe em pessoa, um verdadeiro mestre do futebol arte. Mas ficaria triste por deixar de lado Zizinho, Canhoteiro, Gerson, Raí, Careca, Dino Sani, Bauer e tantos outros, sem falar dos estrangeiros Pedro Rocha e Dario Pereyra. Hoje fico com Rogério Ceni, pelo seu indomável espírito Tricolor.

SPFC Inside - Como vê o atual momento do São Paulo e qual sua expectativa para 2015?

Roberto Rodrigues - Acho um time mediano, e penso que pode disputar campeonatos porque não há nenhuma outra grande equipe muito melhor que a nossa. Mas não enche os olhos como era no passado. Talvez isso seja apenas saudosismo de quem já passou dos 70 há alguns anos. Confio muito no meu amigo Carlos Miguel, com quem até joguei futebol nas areias praianas, muitas vezes.

Raí e Cafu: ídolos mostram obras sociais

Ídolos, que brilharam pelo Tricolor nos anos 90, dão exemplo de solidariedade. Fundação Gol de Letra e Fundação Cafu ajudam a transformar vidas há mais de uma década

Por Maurício Rossi

O sonho de Raí Souza Vieira de Oliveira começou em 1998. Já o de Marcos Evangelista de Moraes, o Cafu, três anos mais tarde. Os dois ex-jogadores do São Paulo e da Seleção Brasileira resolveram investir na saúde e educação de pessoas carentes. Enquanto o eterno camisa 10 são-paulino criou ao lado de Leonardo, outro ídolo da torcida Tricolor, a Fundação Gol de Letra, o lateral do penta e bicampeão mundial pelo São Paulo montou a Fundação Cafu.

As duas Fundações possuem objetivos semelhantes. A Gol de Letra tem duas sedes, uma em São Paulo, na Vila Albertina, zona Norte, e outra, no Rio de Janeiro,

Raí sempre participa de atividades na Fundação Gol de Letra.



no Caju. A Fundação Cafu fica no bairro Jardim Irene, zona Sul de São Paulo, onde Cafu nasceu e foi criado. O local ficou conhecido, mundialmente, após a conquista do Mundial de 2002, quando, ao erguer a taça da Copa do Mundo, Cafu escreveu na camiseta que vestiu na final: 100 % Jd. Irene. “Entrou para o mundo como a capital do Brasil”, sorri o capitão do penta.

Em 1998, Raí havia voltado da França para jogar por mais três anos no São Paulo. Logo na chegada, jogou apenas a decisão do Campeonato Paulista de 1998, contra o Corinthians, e deu uma enorme alegria à torcida são-paulina. Raí abriu o placar na vitória por 3 a 1, no Morumbi. Nessa época, resolveu apostar em sua obra social. “A ideia era provar na prática que investindo nas pessoas, na boa formação, poderíamos transformar as pessoas e a região, mesmo ela sendo pobre.”

A Fundação Cafu, assim como a Gol de Letra, é uma entidade sem fins lucrativos, que há quase quinze anos cria oportunidades de desenvolvimento e colabora com o combate à desigualdade social. “Foi um dos maiores gols que fiz na vida. A Fundação é minha segunda casa, meu segundo lar”, define o ex-craque são-paulino.



Cafu repete o gesto que ficou marcado em sua carreira na Copa do Mundo em 2002.



A capoeira é uma das atividades com grande adesão para crianças e jovens.

A relação de Raí com a Gol de Letra não é diferente. O significado é quase inexplicável. Mas ele encontra palavras para definir. “É uma coisa viva. Você quer sempre melhorar. Dá sentido à vida, muito gratificante. Poder ajudar, transformar a vida das pessoas, ter influência positiva na vida delas. Motiva para viver”, resume, com a voz embargada, o ex-craque.

Os trabalhos que começaram para valer em agosto de 1999, atendiam “apenas” 100 crianças, hoje o número passa de 2 mil. Na ocasião, já fora lançado o programa que existe até hoje, o Virando o Jogo, que integra atividades variadas, tanto esportivas quanto culturais. Dança, música, artes plásticas fazem parte da vida de quem se beneficia da Gol de Letra.

Segundo Raí, instituiu-se uma metodologia que une esporte à informática, artes plásticas à escrita e à leitura. Na Gol de Letra, há aulas de vídeo e afins, para aqueles que, como Raí, se interessam pela comunicação. Hoje o que se vê na Fundação Gol de Letra é algo além de um atendimento básico para crianças carentes. “Temos muitos jovens também, de 15 a 23 anos. Passamos a fazer especialização, ou seja, formamos monitores esportivos, que depois podem trabalhar nessa atividade. É a preparação para o primeiro emprego”, explica Raí.

Na Fundação Cafu, muitos empregos têm sido conquistados graças aos cursos de especialização que os moradores do Jardim Irene e região têm, gratuitamente. A alegria dessas pessoas fica evidente quando o ex-craque adentra ao prédio da Fundação, que conta com uma quadra de futebol e basquete, salas de aulas, refeitório e muito calor humano. “É um orgulho muito grande para mim. Eu entro, me emociono, participo.” Realmente, pelo que a reportagem da SPFC Inside acom-

panhou, é dessa maneira que Cafu age. Ele entra nas salas, na quadra, cumprimenta um a um e verifica com os instrutores e coordenadores da Fundação tudo o que está se passando. Quando a aula no curso de cabeleireiro foi interrompida para a entrada surpresa de Cafu, instrutora e alunos pararam e abriram largos sorrisos. Todos pegaram os aparelhos celulares e fizeram um registro ao lado dele Cafu. Ali não está apenas um ídolo dos gramados. Para eles, Cafu transcende a uma simples idolatria.

Raí também frequenta a Gol de Letra para interagir com a comunidade. O eterno ídolo Tricolor, por causa dos compromissos sociais, já não atua como antes na Fundação. Porém, sempre que está no Brasil, claro, arruma um espaço na lotada agenda para dar uma chegadinha à Gol de Letra. “Nos três primeiros anos, atuava em tempo integral. Logo que parei de jogar, em 2000, queria me afastar um pouco do mundo do futebol. Queria uma atividade nova, então participava muito mais.”

Raí dedica quase metade de seu tempo de trabalho às ações sociais. Participar de planejamento, discussões pedagógicas é com ele. Quando está na Gol de Letra, Raí participa dando exemplo prático. “Bato uma bola com o pessoal. Só não me arrisco a cantar, sou terrível”, diz, sorrindo.

Hoje, a Fundação Cafu propõe um sistema alternativo de educação para 850 crianças de baixa renda com idades entre 3 e 18 anos. Ainda colabora com mais 400 pessoas acima de 18 anos, dando cursos profissionalizantes e bem-estar.



Objetos produzidos com materiais reciclados estimulam a criatividade e cidadania.



Ver um sorriso estampado no rosto de uma criança é muito gratificante para Cafu. Ele sabe da importância que tem para os alunos. “É bom ser ídolo de um bairro que não tem condição nenhuma. Tenho noção do que represento para eles”, diz, mais uma vez emocionado.

Para Cafu, se houvesse um lugar como a Fundação na época em que ele era criança e adolescente, não teria perdido tantos amigos. “Muitos morreram por causa de drogas, prostituição. Se existisse isso naquele tempo, seria bem diferente.” Cafu inocenta pais de qualquer culpa pela irresponsabilidade dos filhos. “Quando a cabeça é fraca, vira para outro lado.”

Cafu teve o apoio dos pais. Cleusa e Célio já faleceram, mas chegaram a conhecer a Fundação. “Meu pai foi presidente daqui” diz, com saudade. Cafu tem a família ao lado na Instituição. Os irmãos Mauro e Marcelo, por exemplo, cuidam diariamente da entidade. Além de empregar familiares, Cafu dá condição aos moradores do Jardim Irene, de todas as idades, de poderem participar de cursos como o de cabeleiros, informática, pintura, música, canto, aulas de futebol de salão masculino e feminino, basquete, capoeira etc. Na área de saúde, a Fundação Cafu oferece fisioterapia, atendimento psicológico e caminhada.



Cafu e Raí, que tiveram uma carreira vitoriosa pelo São Paulo FC e Seleção Brasileira, agora investem grande parte do seu tempo em ações sociais. A turma toda agradece.

Além do dinheiro que sai do bolso de Cafu, o que chega de empresas e colaboradores da instituição é muito bem-vindo. A Fundação Gol de Letra também não depende apenas de Raí. Precisa de colaboradores. “Temos empresas ao nosso lado, que nos ajudam em programas específicos, colaboram integralmente ou parcialmente. Alguns são aprovados em Lei de Incentivo, o que beneficia essas empresas. A gente vive com 70% de parceria e os outros 30% conseguimos com eventos, em ações pontuais para arrecadar fundos.”

O São Paulo sempre esteve ao lado da Fundação Gol de Letra. O clube, claro, é grato a tudo o que Raí ajudou a conquistar nos 10 anos em que deu muitas alegrias ao torcedor. O ex-camisa 10 do Tricolor exalta a união São Paulo/Gol de Letra. “É de fundamental importância a parceria com o São Paulo. Esses eventos que fazemos no Morumbi ajudam demais. Temos um campeonato que organizamos com as empresas colaboradoras há 12 anos. A final do torneio é realizada no estádio do Morumbi. Só tenho a agradecer ao São Paulo. Existe um respeito muito grande entre o clube e a Gol de Letra”, conclui Raí.

Diferentemente da Gol de Letra, a Fundação Cafu ainda não organiza competições de futebol entre empresas. Porém, Cafu diz que é para se pensar. “De repente, podemos fazer uma final entre Gol de Letra e Fundação Cafu. Sempre tive um bom relacionamento com as diretorias do São Paulo. Tenho certeza de que se levar essa ideia para eles, vão abraçá-la.”

Palácio Himeji, localizado na cidade de mesmo nome, na província de Hyogo. Considerado um dos maiores do país, é um complexo palaciano com 82 edifícios.

Passado, presente e futuro



Poucos países no mundo conseguem reunir tradições e modernidades como o Japão. Na terra do Sol Nascente, você encontra de tudo

Por Paulo Kehdi

Um país para ser admirado, em todos os sentidos, assim podemos definir o Japão! Dono do terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) do planeta, com um modelo de governança exemplar, fundado em um sistema parlamentarista que funciona e ainda contando com a tradição da monarquia, o Japão é uma nação que se mantém no topo, seja qual for o tópico escolhido.

E, claro, se você estiver pensando em ir para o outro lado do mundo para conhecer a diversidade de atrações que ela oferece, além de todas as belezas naturais, culturais, esportivas e gastronômicas, vai ainda encontrar infraestrutura de primeira, seja para hospedagem, para colher informações, ou ainda para se locomover, já que as principais cidades do Japão são servidas por uma moderna, confortável e pontual malha ferroviária, uma das melhores do planeta, que operam de trens locais ao famoso shinkansen, o trem bala.

Paraíso tecnológico, berço de tradições milenares, de uma arquitetura futurista e ainda palco de templos e palácios de tirar o fôlego, é um país de contrastes maravilhosos, emoldurado por uma natureza exuberante, única. Nessa reportagem, vamos procurar passar a essência do Japão. E já vamos avisando, pode reservar pelo menos 10 dias de viagem para conhecer verdadeiramente essa nação impar, de atrativos mil!



Tradição

Uma das principais características do povo japonês é a de cultivar suas tradições milenares. Essa faceta pode se traduzir nos diversos festivais realizados durante todo o ano, pelo país inteiro, ou ainda se manifestar nos maravilhosos templos, jardins e castelos espalhados pelo seu território. Os festivais possuem uma programação diversificada, dinâmica.

Danças, músicas, belas vestimentas! O que sugerimos ao afortunado turista é que consulte seu operador de viagem para saber o que está acontecendo durante o período em que estiver por lá. É, talvez, a forma mais pura de se conhecer as tradições japonesas, algo imperdível. Já os templos, jardins e palácios traduzem a fantástica arquitetura antiga japonesa, com suas linhas e curvas únicas.



1) Santuário Meiji, localizado em Shibuya, é o templo xintoísta dedicado aos espíritos do Imperador Meiji e sua esposa; 2) Templo Sanjusangendo é mundialmente conhecido por abrigar 1001 estátuas em madeira da deusa do perdão, Kannon; 3) Templo em Kyoto, considerada a capital da cultura ancestral do Japão.

Em Tóquio, sugerimos a visita ao Santuário Meiji, localizado em Shibuya, é o templo xintoísta dedicado aos espíritos do Imperador Meiji e sua esposa, a Imperatriz Shoken, um verdadeiro ícone arquitetônico. E ainda temos o Templo Sensoji, o mais antigo templo budista da capital japonesa, construído entre 628 e 645 d.C., com suas cores e traços marcantes. Já em Kyoto, cidade localizada na província de mesmo nome, no centro-sul do país, você encontrará ainda mais maravilhas, já que ela é considerada a capital da cultura ancestral do Japão.

Imperdível a visita aos templos Kiyomizu-dera (localizado no alto de uma montanha, proporcionando bela vista da cidade), Kinkaku-ji (cercado por uma natureza exuberante) e ainda Sanjusangendo, mundialmente conhecido por abrigar 1001 estátuas em madeira da deusa do perdão, Kannon. Kyoto também apresenta jardins maravilhosos, mais um traço da fantástica cultura desse país. Na verdade, jardins existem por todos os lados, mas os da cidade se diferenciam pela sua beleza única. Kanazwa (a uma hora e meia de Tóquio por trem) e Takamatsu (três horas e meia de trem de Tóquio) também se destacam nesse quesito.

São Paulo FC no Japão

Nenhum time brasileiro teve tanto sucesso no Japão como o São Paulo! Todos os três títulos mundiais do Tricolor Paulista foram conquistados lá. Nas finais de 1992 e 1993, comandados pelo mestre Telê Santana, nossos ídolos derrotaram Barcelona (2 a 1) e Milan (3 a 2), respectivamente, mostrando um futebol quase perfeito.

Quem não se lembra do gol de Raí, de falta, contra o Barcelona? E o mágico gol de Müller contra o Milan? Doze anos depois, em 2005, Aloísio, Miranda e Rogério Ceni, com uma atuação de gala, pararam e bateram o poderoso Liverpool por 1 a 0, conquistando o Tricampeonato Mundial! Muitos consideram essa a maior exibição de Ceni com a camisa Tricolor. As duas primeiras finais foram disputadas no Estádio Olímpico de Tóquio. Já a conquista de 2005 foi em Yokohama, no Estádio Internacional de Yokohama, palco também do pentacampeonato brasileiro em 2002.

O país também apresenta castelos magníficos, como o Palácio Himeji, localizado na cidade de mesmo nome, na província de Hyogo. Considerado um dos maiores do país, é um complexo palaciano com 82 edifícios de madeira, caracterizado ainda por sua fachada branca, brilhante. Tesouro Nacional do Japão, foi tombado pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade. Em Osaka, localizada a 500 quilômetros ao sul de Tóquio, outra pérola, o castelo Osaka, no centro da cidade. Com uma arquitetura esplendorosa, é rodeado por jardins, contrastando com os modernos arranha-céus que se encontram a poucos metros desse verdadeiro santuário!

Arte moderna

Para quem gosta de arte moderna, Tóquio é um prato cheio! São três os museus que registram as mais belas obras nesse sentido: o Centro Nacional de Arte, o Museu de Arte Contemporânea e o Museu Nacional de Arte Moderna. Em Kyoto, destaque para o Museu Nacional de Arte Moderna dessa cidade. Todos eles possuem um magnífico acervo, não apenas de artistas japoneses, como Takashi Murakami, Yayoi Kusama e Yutaka Inagawa, como de outros tantos consagrados mundialmente.

Em Kanazawa, o Museu de Arte Contemporânea do Século XXI se traduz num dos maiores símbolos da arquitetura moderna japonesa. Além de seu maravilhoso acervo, suas curvas, idealizadas pelo arquiteto Kazuyo Sejima, o torna um dos mais visitados em todo o mundo.



Aventura

O Japão é também um paraíso para os amantes dos esportes de aventura. Com uma natureza exuberante, possui parques nacionais, montanhas, mares e lagos preservados, protegidos. Para quem gosta de escaladas, quatro pontos imperdíveis: o Monte Fuji, talvez o principal cartão postal do país, com seus 3,7 mil metros de altura e ainda o Monte Takao, a apenas uma hora de Tóquio por trem. São oferecidos oito tipos de trilhas diferentes, cercadas por uma natureza fantástica. Quer esquiar? As cidades de Hokkaido (localizada na ilha mais ao norte do Japão, de mesmo nome), Shiga Kogen e Hakuba (ambas na província de Nagano) e ainda Myoko (na província de Niigata), são as estações mais recomendadas para os aficionados.

Se o seu negócio for mergulho, Okinawa (arquipélago ao sul do Japão com 169 ilhas), as ilhas Ogasawara (também ao sul do país) e a península Izo (em Shizuoka, perto de Tóquio) oferecem imagens deslumbrantes do mundo marinho, com suas águas claras, cristalinas. Para os amantes de caminhadas e de bicicletas, alguns dos parques nacionais mais famosos do Japão, como o Parque Nacional Akam (na ilha de Hokkaido) e o Parque Nacional Fuji-Hakone-Izu (onde está o Monte Fuji) oferecem essas possibilidades.

ONDE FICAR

Em Tóquio:

Mandarin Oriental - <http://www.mandarinoriental.com/tokyo/>

The Peninsula - <http://tokyo.peninsula.com/en/default>



Akihabara, em Tóquio, é a meca dos eletrônicos.

Em Kyoto:

The Ritz- Carlton - <http://tokyo.peninsula.com/en/default>

Hyatt Regency - <http://kyoto.regency.hyatt.com/en/hotel/home.html>

Compras

Apesar da fama de caro, o Japão apresenta produtos muitas vezes com preços inferiores aos praticados no Brasil. Desde outubro de 2014, o governo japonês implantou as chamadas “Tax-Free Shopping”, com itens sem taxas para os turistas, como o próprio nome já sugere. Existem também os chamados “Morning Markets”, mercados a céu aberto onde você encontra de tudo. Algumas áreas de Tóquio são caracterizadas pelas suas particularidades. O bairro de Kappabashi, por exemplo, é famoso pela quantidade de lojas e pelos seus preços acessíveis.

Akihabara é a meca dos eletrônicos, imperdível para quem é fã de tecnologia, com lojas para todos os gostos. Lojas de departamento, como Takashimaya ou Mikimoto, também oferecem bons produtos a preços acessíveis. Se o seu negócio é luxo, seu bairro é o Ginza. Sua rua principal Harumi-dori (Dori é rua em japonês) tem lojas de departamentos e de todas as marcas mundialmente famosas.

Gastronomia

Para nós brasileiros já acostumados com a culinária japonesa, um aviso: tem muito mais diversidade no país do que você imagina. As gastronomias francesa e italiana encontram representantes de primeira linha no Japão, com chefs premiados. Mas aconselhamos você a experimentar especialidades locais como o okinawa steak (uma delicada carne grelhada), o fugu (sashimi de baiacu, um peixe venenoso), os sorvetes de Hokkaido (onde há excelentes frutas e leite), a enguia de Yanagawa ou os diferentes tipos de macarrão: bifun, udon, soba e ramen (os de Hakata e Sapporo, de porco e pasta de soja, são os melhores). Para quem está com o orçamento apertado, redes de fast food aos montes e a chamada “cozinha de rua” (Street Food) são boas opções.

Biodiversidade

Em simpósio, Tricolor recebe elogios do governador Geraldo Alckmin pela redução no consumo de água e programa pioneiro

Por Renata Lutfi

O São Paulo Futebol Clube é a única instituição fundada para a prática profissional do futebol que desenvolve ações de sustentabilidade coordenadas por uma diretoria de Meio Ambiente. E foi por meio do diretor Eduardo San Martin, que partiu a iniciativa de fazer o simpósio “Água - Responsabilidade de todos”. O evento, realizado no dia 20 de março, no salão nobre do Morumbi, contou com a presença do governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin. Carlos Miguel C. Aidar, presidente do São Paulo FC, abriu o simpósio comemorando o encontro de autoridades e dos resultados do clube nas economias. “Essa oportunidade é de mostrar que o São Paulo está alinhado com a contenção de consumo de água e de biodiversidade. O São Paulo começa dois dias antes da comemoração do Dia Mundial da Água um projeto muito interessante. Mas mesmo antes do possível racionamento, nós já estávamos preocupados com isso e mostramos bons resultados”.

Após receber uma camisa oficial do São Paulo, com Alckmin 45, das mãos do presidente são-paulino, o governador agradeceu o convite e explanou sobre o tema do simpósio. “É sempre uma alegria vir ao São Paulo FC, ainda mais pela iniciativa do convite pelo bom uso da água, envolvendo um debate rico e a conscientização. Estamos com pouca água para uso no estado e a colaboração de todos os cidadãos está amenizando os impactos”, disse. “O governo deverá concretizar nos próximos dias, a ligação de duas bacias de água para os rios que abastecem São Paulo. Além disso, a população tem papel fundamental. Fizemos o programa de bônus e fomos muito bem aceitos. A porcentagem da economia se transformou em bônus. Normalmente o desperdício é no banheiro, quando se faz a barba, escova o dente... e a população aderiu, se conscientizando”, comemorou, em meio a outros projetos explanados.

Além disso, o governador parabenizou o trabalho feito pelo São Paulo Futebol Clube, que reduziu mais de 60% do consumo de água nos últimos meses. “O São Paulo vem sendo um exemplo maravilhoso. Reduzir 60% é extraordinário para um local em que passam tantas pessoas. Se todos fazem isso, conquistamos ótimos valores”, finalizou. Eduardo San Martin, diretor do Meio Ambiente, fez uma apresentação resumida dos projetos do São Paulo. Gestão Sustentável de Resíduos Sólidos e Conservação de Energia Elétrica, são programas inseridos na pauta ambiental, na qual se destaca o Programa de Uso Racional da Água que nos permite comprovar a redução no consumo de mais de 60 % da água fornecida pela Sabesp.

CONSUMO DE ÁGUA (Sabesp)

MÊS/M ₃	ESTADIO	SOCIAL	COTIA	BARRA FUNDA	TOTAIS
JAN/14	577	3.669	1.552	2.284	8.082
FEV/14	1.913	5.020	1.982	2.940	11.855
MÉDIA MENSAL 2014	1.090	3.865	1.846	1.806	8.694
JAN/15	319	2.090	1.144	386	3.939
FEV/15	599	2.169	1.237	256	4.261

“O São Paulo FC tem um programa de sustentabilidade que vem sendo implantando há algum tempo, mas que mostrou seus resultados neste ano. Fizemos mudanças físicas, como instalação de válvulas em torneiras, chuveiros e descargas. Eliminamos a lavagem de piso. Aliado a isso, os poços artesianos e reuso de água nos deu maior apoio para usar menos água da Sabesp. O investimento foi baixo, o que vale mais são as ideias, uma vez que com a economia o retorno acontece de forma maior”, lembrou o diretor.

Dentre as ações, o São Paulo tem um projeto voltado para a conservação e o incremento da fauna e flora, que são fundamentais para toda a sociedade, razão pela qual o Tricolor iniciou o Programa de Biodiversidade do São Paulo FC, com a empresa Ambiens, do diretor adjunto Roque de Gasperi.

“O São Paulo é o primeiro clube de futebol do Brasil preocupado com a biodiversidade. Será levantada toda a fauna e flora dos centros de treinamento, complexo social e estádio. Com isso, geraremos ações de marketing, educação ambiental para as escolas e comunidades das regiões que nos cercam, capacitando professores e realizando ginças envolvendo as famílias. Faremos um relatório de sustentabilidade verdadeiro, com ações, e não apenas para constar”, afirmou.

Fechando o simpósio, Mônica Porto, secretária-adjunta de Recursos Hídricos, explicou detalhadamente a situação dos reservatórios e da escassez de água em São Paulo, apresentando também as medidas que o governo vem tomando e construindo para amenizar a crise.

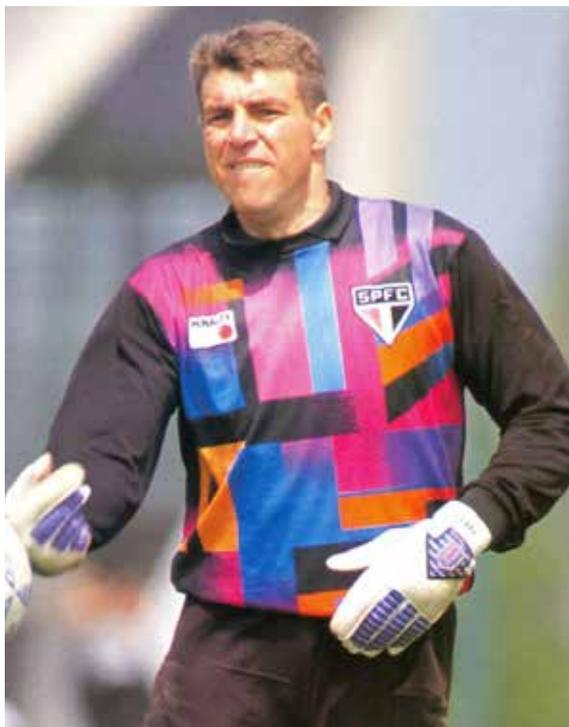
Homenagem ao governador Geraldo Alckmin durante o evento.



Zetti

Armelino Donizetti Quagliatto

Por Michael Serra



Goleiro

Nascimento: 10/01/1965
Porto Feliz (SP)

Clubes profissionais

1982 Guarani
1983-1989 Palmeiras
1990-1996 São Paulo
1997-1999 Santos
2000 Fluminense
2001 União Barbarense
2001 Sport

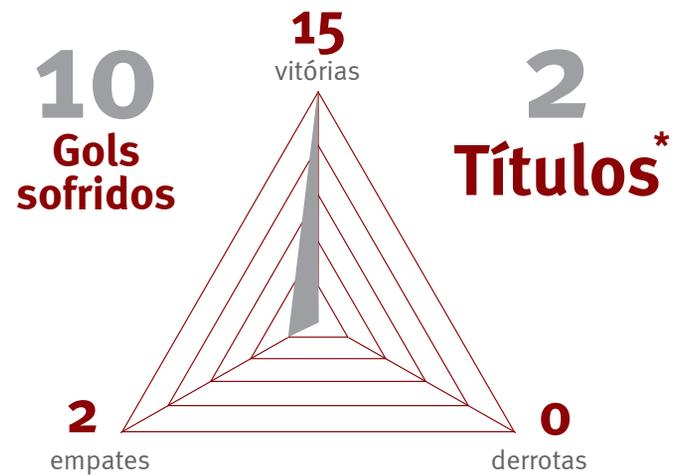
Zetti chegou ao São Paulo vindo do rival Palmeiras, onde havia conquistado significativa autoridade como goleiro, até uma contusão quebrar o ritmo de sua carreira. No Tricolor desde 1990, Zetti teve que se reerguer quase do zero, mas em pouco tempo herdou a camisa 1 de Gilmar, que a defendera por meia década de forma vitoriosa. Com essa dupla responsabilidade (identificação com o novo clube e a necessidade de manter o nível de conquistas), Zetti teve grandes desafios pela frente.

Desafios que foram caindo um a um, jogo após jogo e título após título. Zetti, ao lado de Raí, Telê e companhia, se eternizou na história do São Paulo Futebol Clube com o esquadrão que dominou o cenário brasileiro entre 1991 e 1994. As atuações de Zetti debaixo das traves eram memoráveis. Não à toa foi escolhido o quinto melhor goleiro do mundo em 1993. Não há são-paulino que não se lembre da “muralha são-paulina” na decisão da Libertadores da América em 1992, na angustiante mas consagradora disputa de pênaltis em que defendeu a última penalidade da partida, de Gamboa, caindo ao canto esquerdo e expulsando a bola do gol do Tricolor.

Impossível esquecer também as espetaculares intervenções contra a Universidad Católica quando, em um Morumbi lotado pela final de outra Copa Libertadores, agora de 1993, os adversários atacaram a meta defendida pelo goleiro por quatro vezes seguidas e por quatro vezes bateram-se contra o muro erguido pelo ídolo. Era magnífico. O desempenho do arqueiro o levou à Seleção e, em 1994, Zetti foi campeão do mundo também com a camisa canarinho. O camisa 1 permaneceu mais dois anos no São Paulo, até o final de 1996, quando resolveu deixar o clube e passar o sagrado manto que tão bem ostentou àquele que do mesmo modo vestiu de maneira tão honrada: Rogério Ceni.



17 Jogos
pela Seleção Brasileira
(16 enquanto jogador do São Paulo)



Títulos: Copa do Mundo em 1994, Copa Umbro em 1995

432 Jogos
pelo São Paulo FC
(431 como titular)



Estreia: 15/07/1990. Cambuí (MG). Estádio Monte Castelo. Pouso Alegre FC 0 x 1 São Paulo FC
Último jogo: 24/11/1996. Curitiba (PR). Estádio da Vila Capanema. Paraná Clube 1 x 1 São Paulo FC



Títulos conquistados no SPFC: Campeão Mundial de 1992 e 1993; Campeão da Copa Libertadores da América de 1992 e 1993; Campeão da Supercopa da Copa Libertadores de 1993; Campeão da Recopa Sul-Americana de 1993 e 1994; Campeão da Copa Master Conmebol de 1996; Campeão Brasileiro de 1991; Campeão Paulista de 1991 e 1992.

Jogos importantes ou memoráveis



01.12.1991 Campeonato Paulista. São Paulo e Palmeiras empataram em o a o, no Morumbi, na fase semifinal do Paulistão de 1991 graças à atuação de Zetti. No mínimo seis grandes defesas e os jornais, no dia seguinte, proclamavam ele ser o motivo da classificação do Tricolor à final.

17.06.1992 Copa Libertadores. O Morumbi lotado viu a conquista da Libertadores de 1992, sobre o Newell's Old Boys, nos pênaltis, após Zetti defender a cobrança de Gamboa. Como o goleiro afirmou posteriormente, não foi a defesa mais difícil que já fez, mas certamente a mais importante em toda a carreira. Algo um pouco ajudado pela participação de Valdir Joaquim de Moraes (que havia espionado o modo de cobrar pênaltis dos argentinos, na semifinal) e Alexandre, o goleiro reserva do Tricolor (que cantou a Zetti as indicações de Valdir).



19.05.1993 Copa Libertadores. Está certo que o Tricolor passou o Rolo Compressor por cima da Universidad Católica, mas as quatro defesas consecutivas que Zetti protagonizou na partida ficarão para sempre na história. Épicas.

23.05.1993 Campeonato Paulista. Morumbi. São Paulo 2 x o Corinthians. Talvez a segunda melhor partida da vida de Zetti: um pênalti defendido e mais outras seis defesas espetaculares. Com a atuação, Zetti manteve a grande sequência de setes jogos sem sofrer gols do Corinthians (completou, ao todo, 772 minutos: a série só foi quebrada por Neto, no jogo seguinte, com um gol em impedimento, bem típico).



27.04.1994 Copa Libertadores. Pacaembu. Palmeiras o x o São Paulo. Nessa partida, aqui considerada a melhor da carreira do goleiro, Zetti foi perfeito. A equipe adversária teve nada menos que nove oportunidades para marcar e em todas elas lá esteve Zetti para impedir e manter o zero a zero nesta partida de ida. No jogo da volta, realizado três meses depois, o Tricolor venceu por 2 a 1 e avançou às quartas de final.

Curiosidades

No primeiro jogo em que foi titular do Tricolor, pelo Troféu da Amizade do Quadrangular de León, no México, Zetti fez uma partida espetacular e também peculiar. O fato curioso é que o gol do Guadalajara, que levou à disputa das penalidades após o tempo normal, foi de Zetti, contra (alguns jornais brasileiros, contudo, dizem que o gol teria sido de Ivan, defensor). Mas Zetti se redimiou, e com perfeição! Defendeu um pênalti durante a partida e depois outros dois na decisão que deu o título da competição ao Tricolor.

Em toda a sua passagem pelo clube, Zetti participou de 12 disputas de pênalti. O goleiro, consagrado defensor nessa modalidade, venceu nove delas. A primeira derrota só aconteceu na oitava oportunidade, numa fatídica noite de agosto de 1994.

C A M A R O T E



ESTÁDIO DO MORUMBI

O lugar ideal no MORUMBI para eventos, jogos e shows



Camarote Stadium

Praça Roberto Gomes Pedrosa, 01 Estádio do Morumbi Portão 17
+11 2387 3575 atendimento@camarotestadium.com.br



ENTRE PARA O TIME

SÓCIO TORCEDOR TEM
DIVERSAS VANTAGENS.
A MAIOR DELAS É VER
O TRICOLOR CADA
VEZ MAIS FORTE.

SOCIOTORCEDOR.COM.BR
0800 0 92 93 05

